

# O piloto do plano

## Aberta a mala do fotógrafo pioneiro, Mário Fontenelle

CARMEM MORETZSOHN

Ele foi um candango diferente. Não se lançava a construir imensas estruturas e domar o então ainda intocado cerrado do Brasil central. Ao contrário: construía imagens. Registrava, com suas lentes, passo a passo dos trabalhos de construção da nova Capital Federal. Como geralmente acontece no País com o passar dos anos, seu trabalho foi sendo considerado ultrapassado e ele acabou morrendo no esquecimento. Não teve o reconhecimento que mereceu. Agora (antes tarde do que nunca), quatro anos após sua morte, as novas gerações poderão conhecer a competência da obra do fotógrafo Mário Fontenelle. É que está sendo distribuído às bibliotecas públicas do DF o livro *Minha Mala, Meu Destino*, que contém um apanhado dos temas que mais foram alvo das câmeras Leica de Fontenelle.

*Minha Mala, Meu Destino* foi editado pela Editora Alhambra, com patrocínio da Gráfica Brasileira. Elaborada em 1988, a publicação foi vista, pela primeira vez, há

infelizmente, a tiragem é bastante reduzida, apenas dois mil exemplares, dos quais 300 foram repassados ao Museu do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, que está encarregado de fazer a distribuição dos livros às bibliotecas públicas. O restante ficou com a Brasileira e será distribuído em forma de brinde de final de ano. "A proposta inicial é de não ser uma obra comercial — explica Celso Pagy, diretor superintendente da Gráfica. Desde os primeiros contatos com a filha de Fontenelle, Sandra, ficou estabelecido que seria

um pequeno pacote de exemplares".

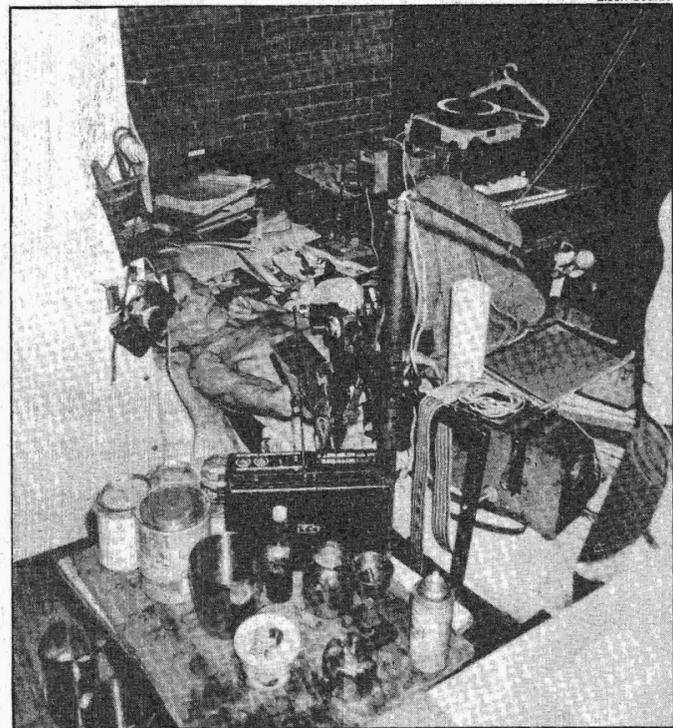
A idéia de editar *Minha Mala, Meu Destino* partiu da própria equipe do Museu do HJKO. Ao fazer um levantamento da história da construção de Brasília — época em que o Hospital funcionava atendendo aos candangos — os pesquisadores chegaram às fotografias daquele que é considerado o primeiro fotógrafo da Capital Federal. Imediatamente, a equipe procurou a Gráfica Brasileira. Quem conta é Celso Pagy: "Logo que vimos o material, ficamos interessados em patrocinar sua edição. As fotos são de uma qualidade incrível".

O livro faz um passeio pelas diversas faces de Mário Fontenelle, desde as primeiras fotografias, mostrando o Marco Zero de Brasília — o cruzamento dos dois eixos — o entusiasmo contagiante dos anos JK, às transformações da capital com o passar dos anos. São fotografias que representam fonte histórica de valor inigualável. A pesquisadora Raquel Cavalcante percebeu isso e resolveu brigar pelo projeto. Ela assina a concepção e coordenação, en-

quanto o fotógrafo Duda Bentes foi o responsável pela pesquisa iconográfica e edição de imagens. As primeiras fotografias de Mário Fontenelle expressam o caráter épico desse momento histórico. São imagens cruas que registram as transformações da paisagem, a participação humana e todos os estágios das obras. Através das lentes de duas câmeras Leica, apresentadas por Juscelino Kubitschek e João Goulart, o planeta Terra (como ele gostava de falar) passa a conhecer todos os passos do nascimento da cidade. A atenção especial, o carinho do fotógrafo pelo sonho de JK estão em tudo, principalmente nas imagens dos candangos, como ele mesmo, trabalhadores que chegam com malas recheadas de expectativas.

Mário Fontenelle não foi sempre um fotógrafo, mas sua atuação na área visual começou paralelamente ao início das construções de Brasília. Já em 1957, Fonte (como era conhecido entre os candangos) registrava a preparação do terreno que iria receber a Praça dos Três Poderes: riscos no chão e projetos analisados por Juscelino e Lúcio Costa. Nas palavras de Lúcio Costa, Mário Fontenelle realizou um trabalho preciso da epopéia contemporânea vivida pelo Brasil: "Ele surgiu de repente, mostrava fotos, esboçava um sorriso — e sumia. Fez registros dessa epopéia que foi construir, na solidão do cerrado, Brasília".

Difícil destacar qualquer foto — todas foram escolhidas por darem o tom exato da realidade que se vivia em Brasília. Mas são as fotografias reunidas sob o título de *Passageiros da Esperança* que oferecem alguns dos melhores registros da época. Trabalhadores sentados sobre suas malas esperam condução em frente aos primeiros blocos construídos no Plano Piloto. Outros chegam carregando



Seus últimos dias no leito de um abrigo no Núcleo



Habitação provisória no cerrado, no início da construção em 1956: não era invasão, eram os convidados de um novo país

todos os seus pertences. Em outra divisão do livro, sob o nome *Candangos*, imagens do dia-a-dia dos trabalhadores que levantaram Brasília: marmitas, poeira, comemorações pelo término de alguma obra. Sorrisos sempre.

Cada grupo de fotografias vem acompanhado de escritos do próprio fotógrafo. São rabiscos típicos de quem teve pouca instrução no que se refere às letras. Mas, semelhante às fotografias, significam fonte de pesquisa sobre o cotidiano da cidade, antes, durante e depois de sua inauguração. Conta Mário Fontenelle, em 1956: "Naquela época eu ouvi dizer que o Dr. JK saiu para caçar veado em determinado momento. JK parou o carro e perguntou a um determinado senhor onde eu vou encontrar um veado e o determinado senhor respondeu para Dr. JK. Dizem que já teve muito mas agora não tem mais".

Nas anotações do fotógrafo estão também indicações de fotos que pre-

tendia fazer — algumas tachadas como inesquecíveis — e pensamentos sobre acontecimentos que presenciava. Na imensidão do cerrado, Fontenelle iniciava cada página de seu diário situando os escritos como planeta Terra, utilizando algarismos romanos para identificar a data. Em alguns momentos, situa até o horário da anotação: "São 02h26 min da manhã do dia 13/12/01MCMCLXXXV. Eu tive esta idéia de perguntar ao Dr. Oscar. Quantas toneladas de ferro este homem transportou do canteiro de obras até o local definido"? O pensamento aparece pregado a uma fotografia que mostra um candango franzino, carregando uma barra de ferro.

O que fica explícito é que Mário Fontenelle amou Brasília desde seu primeiro momento. Amou seus riscos, seus prédios e, principalmente, os candangos que trabalharam em sua construção. A eles, Fontenelle dedica seus pensamentos mais boni-

tos, como quando fala das mulheres: "Apareceram várias mulheres neste pedaço de terra, vindas do norte, do sudeste e até do exterior. Até hoje — 1960 — resta um pouco daquele velho alojamento, onde aquelas putas, sem saberem, estavam ajudando a construir a capital do nosso País".

*Minha Mala, Meu Destino* faz uma viagem através da obra de Fontenelle, chegando até às suas fotografias coloridas, já expondo uma cidade acabada, com suas luzes, suas festas, seu entardecer, seus personagens. Há lugar até para o registro de seu material, reunido sobre uma pequena mesa do Lar dos Velinhos, com a arte de quem consegue captar a alma através das imagens. Mário Fontenelle é Brasília, aquela nascida do sonho e não a que se transformou, que o esqueceu, o abandonou e o deixou morrer amargurado, sozinho, num quarto que nem bem cabia seu material fotográfico.

## Como tantos, na margem da vida

A história de Mário Fontenelle se assemelha às tantas outras de trabalhadores que se mudaram para o Planalto Central em busca de uma vida melhor. Piauiense de Parnaíba, nascido em 1919, Fontenelle foi tentar a vida no centro-sul do Brasil. É como mecânico de pista que se transferiu para o Rio de Janeiro. Através do trabalho como mecânico de bordo, conheceu diversos políticos influentes, entre eles o presidente Juscelino Kubitschek, então apenas um candidato em campanha.

Mário Fontenelle encantou-se com JK e com sua determinação. Criou-se uma cumplicidade entre os dois. Nesta fase, Fontenelle começou a se interessar pela fotografia. Ganhou uma máquina fotográfica de JK. Fontenelle mergulhou de corpo e alma no sonho do amigo e transferiu-se para Brasília com a missão de acom-



Fontenelle chegou como pioneiro e registrou a odisséia

panhar e fotografar a construção da cidade.

Vêm de Fontenelle as primeiras imagens da capital brasileira que nasce das mãos dos candangos na terra vermelha do cerrado: o sinal da cruz, a primeira missa, os índios, os paus-de-arara, as autoridades, as igrejas e os palácios. Amante da fotografia,

saía pelos canteiros de obra registrando tudo, com a emoção de quem vive intensamente o momento. Acabou sendo contratado como fotógrafo da Novacap, cargo que ocupou até 1969, quando se aposentou.

Em 1969 classificou-se em primeiro lugar no Concurso de Fotografias Antigas, promovido pelo Instituto

Histórico e Geográfico/Museu da Imagem e do Som, em Brasília. Onze anos mais tarde, foi homenageado pelo GDF com a Medalha de Honra ao Mérito de Brasília. Prêmios e condecorações que não impediram que fosse internado no Lar dos Velinhos (Núcleo Bandeirante), em 1983, onde permaneceu até 86, quando de sua morte no Hospital de Base.

Deixou, além de seu trabalho, equipamentos e manuscritos, inclusive cartas endereçadas a ele e assinadas por Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e JK. Lúcio Costa faz uma apresentação do livro *Minha Mala, Meu Destino*. E diz: "Quando da minha penúltima estada na cidade, indagando por ele, tive a confirmação de que estava muito doente num asilo. Fui então vê-lo. Ele estava ali, deitado, encolhido. Quando abriu os olhos e nos viu, o seu rosto envelhecido como que se iluminou. Procurou na bolsa onde guardava o seu tesouro algumas fotos, mas o diálogo foi difícil, porque, de parte a parte, se interpunha a consciência de que aquele momento era o da despedida, o do sumiço definitivo".

Reprodução

Reprodução